

CINTIA

Alan, como você costuma se apresentar no seu dia-a-dia?

ALAN

Hoje, como eu estou doutorando, eu costumo me apresentar... Sou favelado, cofundador do Instituto Raizes Em Movimento, coordenador do CPDOCA e doutorando em Planejamento Urbano. do IFRJ.

CINTIA

E você costuma colocar nessa apresentação raça, gênero, algo do tipo?

ALAN

Normalmente não, mas só quando é pedido eu me apresento.

CINTIA

Você pode contar um pouco da sua história?

ALAN

Eu vou tentar ser breve, mas não sei se é da minha história, da minha vida pessoal, morando ou morador do Complexo do Alemão. A minha família, ela chega no finalzinho da década de 50, começo da década de 60, meus avós, por parte de pai e por parte de mãe. Meus pais chegam no Rio de Janeiro, na cidade do Rio, no Complexo do Alemão e casam morando ali.

Minha primeira infância foi toda no Complexo do Alemão, mas logo depois meus pais compraram um terreno lá em Nova Iguaçu e eu morei um tempo em Nova Iguaçu. Toda a minha segunda infância para a adolescência, toda a minha juventude foi lá, mas a referência de casa, de avós, semanal, sempre foi no complexo alemão. Então vivi a minha vida toda tendo o complexo alemão como referência pela quantidade de parentes. Imagina, década de 60, meus avós paternos vieram com 10 filhos, teve mais dois aqui, E paterno vieram com 8 filhos, né? Isso no comecinho da década de 60. Imagina de lá pra cá o quanto que tem de família, né? Deve ter mais de 500 pessoas dentro do Complexo do Alemão de familiares, né? A irmã da minha avó vem com mais 10 filhos também. Então foi um período, assim, uma quantidade de gente, né? Bastante relevante, que daí se desdobrou hoje, né?

Então eu morei um tempo na Baixada Fluminense, lá em Nova Iguaçu. Eu, antes, quando estava morando lá, eu tenho um período onde minha mãe era empregada doméstica, fazia faxina na Zona Sul e trabalhava na casa de um casal de cegos, que era da parte da minha tia, da irmã da minha mãe. E eu fui morar durante dois anos lá, dos 12 aos 14 anos, meio que trabalhando, quase que trabalhando, mas fui morar e seguia, coisa e tal. Morei dois anos ali na URCA, do lado do Instituto Benjamin Constant. Nesse período, terminei meu ensino fundamental. Quando eu volto para a minha casa em Nova Iguaçu, já prestes a fazer 15 anos, minha família estava muito precisando de ajuda. E o que já existe na grande maioria de moradores da periferia, O jovem homem tem que priorizar o trabalho ao estudo. Apesar de eu sempre gostar de estudar, eu parei de estudar assim que terminei o ensino fundamental, da época ginásio. Não, já era fundamental, eu acho. Eu terminei e aí parei e fui trabalhar. Aí trabalhei, com 15 anos, tive minha carteira assinada, naquela época assinava carteira, não tinha essa distinção de jovem aprendiz, nem de menor de idade, nada disso. Então eu fui trabalhar de cobrador de ônibus, na linha Nova Iguaçu-Also. Aí fiquei uns dois anos, eu fui pai muito cedo, logo depois eu fui pai com 17 anos. Eu tive que esperar 18 anos para registrar meu filho, 3 meses depois eu fiz 18 anos, fui pai muito cedo, a mãe do meu filho também era criança, tinha 15 anos, eu tinha 17 e ela tinha 15, que é o meu filho hoje com 38 anos. Então fui pai com 16/17 e depois eu fui pai com 21.

E quando eu olhei para os meus filhos, aí já não era mais cobrador de ônibus, trabalhei muito tempo em restaurante, fui com mim ajudante de garçom, depois garçom, em vários restaurantes de Nova Iguaçu, vim trabalhar na cidade do Rio, em vários outros restaurantes, no centro da cidade, Morro da Urca. Itanhangá Coffee Club, e aí eu sempre queria ser o

garçom, né? Eu não queria ser garçom em Nova Iguaçu, eu queria ser garçom e aí fui para restaurante alemão, fui lá para o restaurante do Morro da Urca, minha meta era ser Maitre do Meridion, que era aquele hotel que tem ali, que eu acho que agora tem outro nome, ali no Leme, né? Por esquerda da Avenida Atlântica. Comecei a trabalhar, trabalhar, e quando eu já era pai de dois filhos, eu olhei para os meus filhos e falei assim, uma coisa que eu posso dar de futura é voltar a estudar. Voltei a estudar, fiz o técnico de química, não terminei. Voltei a fazer o regular, não terminei. Fiz supletivo, terminei o ensino médio. Nisso eu já tinha parado essa vida de garçom e estava trabalhando de repositor de mercado. Aí eu fui ser promotor de vendas, que aí é reposição de mercado, mas é das marcas que colocam no... As marcas que vão colocando nas prateleiras. Aí começa uma outra pegada, porque aí não é só repor mercadoria, tinha uma pegada de marketing. Então eu tinha pegado de marketing para entender o que era a gôndola, o que era a ilha, dentro do supermercado, como é que você tratava isso politicamente com o gerente. E aí eu comecei a estudar marketing. Estudei um ano de ensino técnico em publicidade. Aí eu já queria ser publicitário, fazer comunicação social. Já tinha terminado o ensino médio e tal. E aí passou essa fase, eu trabalhei com reprografia, tirar xerox, mas também queria ser melhor, aí fui fazer curso de máquinas especializadas, docu-tech, me especializei em várias máquinas, mas eu sempre procurei emprego trabalhando, né? E aí era jornal, procurando emprego, aí achei um emprego, um lugar que ele estava oferecendo plano de saúde, plano dentário, para vários benefícios, um salário muito bom, para quem era especialista em máquina natal, máquina tal, máquina tal, todos eu dominava, já estava dominando. Aí fui fazer a entrevista, depois fui selecionado, só tive uma vaga e para minha surpresa era a fundação de Antônio Vargas, no processo seletivo não aparecia.

Fui para a fundação de Antônio Vargas, e ali eu já estava, já tinha terminado de ensino médio, e estava fazendo e tentando vestibular, ano a ano, estava tentando vestibular. Não tinha cota ainda, né? E ali foi bem a guinada. Porque a Fundação Getúlio Barco tem uma grande biblioteca, uma das melhores bibliotecas de ciências sociais do Rio de Janeiro, ali em Botafogo. E os pesquisadores marcavam os livros, revistas encadernadas, que eles encadernavam de 10 em 10 revistas, enfim, marcavam o que eles queriam, os pesquisadores dessa área, e mandava para a gráfica lá dentro, que eu trabalhava, para tirar cópia para eles. E ali foi o único emprego que eu fui mandado embora, porque eu não tirava, eu ficava lendo. E aí eu lia aquilo tudo, ficava lendo, lendo, lendo, lendo. Aí eu fui entender o que era ciências sociais. Até então eu só fazia vestibular para comunicação. Aí eu falei, não, vou tentar para

ciências sociais. Primeira vez que eu tentei, em 96, passei. Aí entrei para a UERJ. fazer ciências sociais na UERJ. Quando eu entro para a UERJ, em seis meses de faculdade, primeiro período, tem um concurso da cidade pelo Viva Rio, que tinha um projeto chamado Programa Aumento da Escolaridade, que é para dar aula em favelas. E aí, na hora da inscrição, você escolhia três favelas na ordem de prioridade. Eu falei, ah, vou voltar para o Alemão. Minha avó está lá, tem lugar para ficar. Estava estudando na UERJ. E aí, morando na rua, o assunto estava difícil. Falei, vou ficar na casa da minha avó e vou fazer Ciências Sociais. Se eu não gostar, depois eu tento de novo com a comunicação. Mas aí eu nunca mais fiz mais nada, foi fazer Ciências Sociais. E voltei para o Alemão. Passei no concurso do Viva Rio e comecei a dar aula na Associação de Moradores, Educação de Jovens e Adultos, com a metodologia do Telecurso 2000. Na verdade era só um orientador, de toda forma, né? Passava aquelas fitas, cassete, daquelas aulas que tinha no Telecurso 2000, e ia orientando os alunos. Fiquei nesse trabalho uns dois anos, três. Aí fui passando para outros projetos também, que trabalhavam com o EJA. Mudei, saí do Viva Rio, fui para o Ciedes, E aí no Ciedes, porque o complexo do Alemão era Viva Rio, e essa área, no outro ciclo, mudou, passou a ser do Ciedes. Ao invés de acompanhar o Viva Rio para outros lugares, eu fiquei no mesmo lugar e troquei de instituição. No Ciedes eu fiz uma carreira, de 98 até 2006 eu trabalhei no Ciedes, durante oito anos. E no CIEDES eu, desde esse lugar de educador de uma favela específica, eu passei a supervisor, coordenador de projeto, coordenador... E o CIEDES foi crescendo. Eu entrei, tinham 10 pessoas. Quando eu saí, tinham 500. E era de uma salinha na Rua 1º de Março, passamos para uma... para cinco sedes em cinco estados. Aí eu já saí de lá como coordenador nacional. Então, eu fui tendo formação na área das Ciências Sociais, eu... fui mergulhando nas questões sociais do alemão, né? E aí, eu começo a... desse trabalho no complexo alemão, eu começo a ter um outro olhar sobre a favela, do que eu tinha, da infância, da minha ida de final de semana, etc. E voltei a morar no alemão, em 97. Aí, em 98, tava fazendo esses trabalhos. E no alemão, no Complexo do Alemão, eu comecei, eu não dava só aula, eu dava aula e fazia encontros com jovens, jovens adultos, para discutir questões da favela. E eu também tinha me envolvido com os cursos de pré-vestibulares da região. Então eu tinha um grupo de pré-vestibular que eu articulava, dava aula e conversava, sobre o Complexo Alemão e meus alunos, horário extra-aula. Em determinado momento, a gente foi se aproximando, se juntou. Isso foi onde foi germinando uma ideia de um grupo. Logo depois, um grupo de grafiteiros, pichadores... Naquela época, estava uma discussão... Grafiteiro era aceito, pichadores, não. O que é isso? O que não é aquilo? Comecei a fazer uma

discussão com um grupo desses, que se agregou também. Ficou uma mistura ali. E, dessa mistura, para resumir, em 2001, a gente cria o Grupo Sociocultural Raízes em Movimento. Em 2001.

Aí que começa essa trajetória do Instituto Raízes em Movimento. E eu paralelo, então eu tinha o cofundador de uma instituição local, só fomos nos formalizar em 2004, mas eu tinha um grupo local, e eu estava me profissionalizando na área do terceiro setor, pelo CIEDES desse período, Foi em 2003, 2004 que eu fui me formar. Mas aí, eu estava naquele processo da universidade. Então esse era o meu tripé, né? De formação. Então esse foi um pouco essa trajetória. E dali pra cá, eu fui trabalhando, na parte profissional, fui trabalhando em vários outros espaços. Um período, depois que eu saí do CIEDES, Um período eu estava na universidade, já tinha saído da universidade, terminado, e aí eu comecei a trabalhar em outras organizações. Trabalhei em trabalhos pontuais no IBASE, trabalhei no Observatório de Favelas, depois trabalhei no... Bom, foram muitos lugares, eu não vou lembrar de todos agora de cabeça, assim, rápido, mas mais recentemente, fui trabalhando em várias organizações sociais no Brasil, no Vladimir Herzog, sempre trabalhando com periferias.

Mesmo em outros estados, meu papel sempre era a interlocução, a articulação com as periferias, até hoje. Então, a parte profissional foi se alavancando. Na parte social, eu fui trabalhando em várias instituições sociais, na época, Grupo Sociocultural Raízes em Movimento, eu estava muito desiludido com a universidade, aquela politicagem academicista, aquela coisa toda me deixava muito chateado, umas vaidades acadêmicas, e eu sempre gostei de estudar. E aí comecei a pensar assim, vou continuar trabalhando e pensando pesquisa. Me incomodava a forma de fazer pesquisa na favela, mas não sabia por quê ainda. E comecei a me envolver nisso, nesse processo. Inclusive, depois a gente vai... Eu vou participar, junto com o Fran Sergio, no processo da... Para quem e para quem servem as pesquisas das favelas. Participei de todo esse processo também, que foi também um momento mais para cá. Mas sempre me incomodou isso. Então me afastei da universidade, terminei a graduação, e me envolvi no Raízes, mas sempre dialogando com a universidade e pensando em fazer pesquisa de outra forma. Esse foi um pouco essa guinada, essa construção.

Quando chega já em 2009, 2009 para 2010, a gente cria primeiro só o nome, CEPEDOCA. Porque eu tinha trabalhado na Fundação Getúlio Vargas e lá tem o CEPEDOC. Aí, brincando que o final é Complexos Alemão, CA, aí ficou CEPEDOC. Mas primeiro era uma brincadeira.

Vamos fazer o CEPEDOCA, tem que ter um centro de pesquisa e documentação do Alemão. Isso foi criando um corpo, porque a gente estava debatendo com os pesquisadores, perguntando como é que poderia fazer pesquisa, numa pegada mais de se apropriar da pesquisa para desenvolver algumas ações.

Então, aí comecei a conhecer todas as metodologias que hoje chamam de pesquisa participativa, pesquisa-ação, ou comunidade ampliada de pesquisa. São várias metodologias que eu fui conhecendo e me envolvendo. Trabalhei na Fiocruz também, né? Desenvolvendo pesquisa nessa pegada de pesquisa-ação, com o Laboratório Territorial de Manguinhos, desenvolvendo pesquisa do Alemão, Maré... Maré não. Alemão, Manguinhos e Rocinha.

Então fui me constituindo a partir desse processo, né? De pesquisador, mais autônomo, fora da universidade, e profissionalmente, passando por várias localidades, aí essa parte de pesquisa, de trabalho, eu fiz muito trabalho de pesquisa na Fiocruz, e fui criando com esses pesquisadores que estavam pesquisando no alemão e que procuravam a gente para poder fazer o campo, né? E a gente debatia, que a gente não estava ali só para abrir o campo, a gente estava ali para debater as pesquisas que estavam chegando. E assim a gente foi constituindo a ideia do CPDOCA, uma ideia de pensar a pesquisa a partir do território, né? Discutir esses processos. E assim a gente foi avançando no CPDOCA a Eugênia Mota, que hoje está no UFRJ, mas era da UERJ, Foi uma pessoa que a gente discutiu muito como é que se criava um centro de pesquisa, etc.

E a gente foi consolidando, depois de 2010, 2013 pra cá, aí tomou um corpo bastante consistente. Aí começamos a pensar em produção, né? Aí fomos fazendo despona com um lugar de ação no território, da minha origem. A parte de formação acadêmica, comecei a fazer um trabalho mais autônomo, fora da universidade, mas com outros locais de pesquisa, como a Fiocruz, e continuei trabalhando em outras organizações, porque o Raízes, eu colocava dinheiro, não tinha dinheiro para me pagar aqui. Então, eu continuava trabalhando nessas frentes.

Então, essa foi um pouco a minha trajetória, Então, eu não sei se eu fiz uma apresentação muito ampla, mas foi só para ver esse percurso, que é um percurso de um garoto periférico, como depois eu comecei a enxergar melhor esse ciclo, que é um ciclo de pobreza que vai se renovando, porque se eu não faço uma ruptura em relação ao que eu gostava e sempre gostei de fazer que é estudar? Se eu não faço essa ruptura por esse caminho, talvez eu

tivesse reconduzido a mesma coisa. Porque meus pais foram a mesma coisa, né? Meu pai foi a mesma coisa. Comigo, meus próprios pais me cobravam também para ajudar em casa. Homem que chegou na idade adulta vai ajudar, e adulto é com 15 anos. E depois eu comecei a ver que na favela isso se reproduzir o tempo todo. E aí você vai trabalhar, é um trabalho que você não tinha formação, você trabalha cargas horárias exorbitantes, você não tem ânimo para estudar. E aí você tem filho igual ao típico, de 17 anos, quando 21. E quando teu filho chegasse com 15 anos, eu iria mandar meus filhos estudar e trabalhar. mas isso não é... isso é excepcional, isso não é... realmente esse ciclo econômico, esse ciclo aí mais perigoso. Eu consegui romper com esse ciclo. Eu posso voltar nesses pontos, mas é só para fazer uma primeira introdução.

CINTIA

Eu não sei se você está me ouvindo, porque aqui para mim está meio travado. Então, você já foi muito bom, respondeu mais de quatro perguntas numa só. Eu gostaria que você pontuasse, para ficar gravada aqui, qual o seu projeto atual, ou projetos atuais, e poder falar desde quando, e se algum dos seus projetos atuais se dedica a questões de dados e memórias.

ALAN

Acho que você estava esperando que eu filasse do Raízes depois, né? Mas só que eu vou ter que falar do Raízes agora, para poder falar dos projetos.

Quando a gente começou a trabalhar a questão de pensar o desenvolvimento do Alemão, desde o início, desde a origem, começar a pensar o desenvolvimento do Alemão, a minha pegada era pegada de pensar dados, informações, criticar a subnotificação dos dados oficiais sobre as favelas, especificamente do alemão. E o Davi, que veio para o Raízes lá na origem, daquele grupo de grafiteiros, que nós dois somos os co-fundadores ainda no Raízes, o Davi sempre ficou apegado a cultura e comunicação. Mas tem um momento que a gente acaba, essas duas frentes acabam dando liga. Uma interseção da cultura, da formação cultural das favelas. E que isso tem uma relação direta para pensar no desenvolvimento.

Qual foi o caminhar até aqui? Quais foram as lutas até aqui? E a gente começa a trabalhar isso, a pensar a memória do Complexo do Alemão, sobretudo a memória das lutas, desde o processo de liberação do Alemão, de fixação da luta para a permanência dos primeiros movimentos do complexo do Alemão, lá atrás, mais ou menos quando meus avós estavam chegando. Meus avós foram pioneiros também em determinado aspecto. As favelas começam a criar corpo na década de 60.

As favelas, pelo menos, do Alemão. Então, pensar essa memória, qual foi a estratégia para poder se manter, quais foram as forças de opressão para a retirada, como é que isso funcionava, as políticas que existiam na época, o jogo político, o jogo da política das bicas d'água, como é que isso foi se dando, como é que se tirava proveito político e comecei a entender e pesquisar e conhecer um pouco esse universo.

E aí, isso paralelo, eu já estava envolvido em lutas. Porque antes do Raízes, ainda em 2000, com essas discussões com os grupos, já surgiu no alemão um movimento chamado CONSA, que é o Conselho de Saúde Comunitário do Alemão. Conselho Comunitário de Saúde. E aí, com o CONSA, eram várias organizações, eram terreiros, eram igrejas evangélicas, igrejas católicas, todo mundo junto. Era associação de moradores e alguns ativistas, pessoas que estavam pensando no Alemão. Aí chegou a formalizar essa... Foi quando chegou... Era a luta pela saúde. Então, era quando estava sendo discutido o programa Saúde da Família, na época, chamava o programa Saúde da Família. Estava chegando no Alemão e ia ter o primeiro posto de saúde no Alemão. E a gente lutou para que pudesse, naquela época, fazer uma congestão do CONSA, que representava o coletivo do alemão, de fazer a gestão desse espaço. Na época era o César Maia e a gente conseguiu estruturar, fazer o planejamento, fazer tudo isso, envolver, pesquisa e Universidade, que deu esse apoio técnico.

A gente conseguiu tudo isso, mas ao mesmo tempo, quando chegou na hora de avançar, o César vai entregar para o CIESO, que era o coletivo de universidades particulares da Zona Oeste, para gerenciar o ponto de saúde no Alemão. E a gente preparado. Essa pegada do CONSA, isso está no DNA do Raízes até hoje, porque de lá para cá, tudo que a gente trabalhou foi, todos os espaços que a gente trabalhou, sempre fortalecendo espaços coletivos. Ter espaços em que tivesse o máximo de diversidade local para ter propostas articuladas dentro do território. E até hoje. Hoje a gente está com um trabalho nessa natureza, que é o projeto que eu vou falar.

Então a gente vem trabalhando a memória a partir desse processo todo. E memória, pensando nela, memória e história, entendendo história como fatos, documentos que você possa comprovar. E memória, um pouco a perspectiva e a leitura de cada um, de cada memória individual que se traduz no coletivo quando você vai trabalhando e articulando uma com a outra.

Nesses dois aspectos que a gente vem trabalhando, quando a gente consolida o CEPEDOCA, que é o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Complexo do Alemão, A gente avança na discussão dentro do CEPEDOCA, em 2013, para começar a trabalhar o que existia no alemão.

De um lado, a memória, trabalhando quais são os movimentos da ocupação, da opressão pós-retirada, a luta da saúde, as lutas para habitação, as lutas para as políticas públicas iniciais e estruturantes, como acesso à água, acesso à luz. Depois teve todo aquele processo de auto-urbanização. Aí veio a política pública mutirão, que é reproduzir o que a favela já fazia de forma autônoma. Aí o governo começa a dar só o material. Depois o governo paga os moradores para poder continuar fazendo aquele trabalho. Então tudo isso foi sendo resgatado, foi sendo registrado. Mas tinha também uma parte da história que era o que a universidade falava sobre a gente. Isso era um ponto fundamental. Então, yive que resgatar isso. O que que tem de produção acadêmica sobre o complexo alemão e de produção do poder público sobre o complexo alemão? O que que tem? A gente consegue reunir tudo isso? Consegue ter um panorama sobre isso? Porque isso é fundamental pra você traçar estratégia pra política pública, de pesquisa, as questões metodológicas, questões epistemológicas, tudo isso, como é que você vai travar se você não tiver bem explícito um quadro do que falavam sobre nós?

E aí a gente conseguiu o recurso para produzir o primeiro livro que a gente produziu, que é o Complexo do Alemão, uma bibliografia comentada. A gente fez uma bibliografia do Complexo do Alemão, que é o primeiro livro. Só não sei se tem ele aqui na mão agora, mas depois eu posso te passar. Tem ele, todos os nossos livros têm em PDF.

Fizemos o levantamento de 181 trabalhos do poder público e da universidade, sobre o complexo do alemão, nos últimos 40 anos. E aí, nesse período, já foi 2013, 2014, a gente já tinha uma rede de, a gente chamava de pesquisadores em movimento. Porque eram pesquisadores que estavam no Raízes em Movimento e que estavam buscando, fazendo

pesquisa do território. Mas a gente estava fazendo uma discussão do papel do pesquisador para a favela. E eles se interessaram pelo assunto. Então a gente distribuiu esse material, foi todo esse material relido e saiu a bibliografia comentada, baseada no livro, lá atrás, da Lícia Valadares, quando ela faz isso para as favelas todas. Então, a gente bebeu dessa fonte, mas não reproduziu a mesma coisa. Teve algumas mudanças. Está lá no livro toda a metodologia que foi construída para a construção desse livro. Essa foi a primeira produção que a gente teve, que a gente fez, de publicação oficial. E dali pra cá, a gente começou a desenvolver projetos que pudessem fortalecer a questão da memória local.

Fizemos adubando raízes locais, que era trabalhar com jovens, era um trabalho de memória intergeracional. Então trabalhamos em 2014, depois fizemos de novo em 2016. A gente fez o trabalho com os jovens que tinham uma formação como entrevistador. Como é que se faz uma entrevista? Como é que se faz uma entrevista para uma pesquisa? O que vocês querem saber? Como é que você constrói um questionário? Como é que você aborda? Enfim, toda uma técnica e também uma técnica básica, bem básica mesmo, de audiovisual, de filmar, de gravar, depois de decupar isso, e a gente fez esse projeto e os jovens tinham que entrevistar duas ou três pessoas cada um, pessoas da sua família, da primeira geração que chegou no Alemão, ou vizinhos antigos, aí deram a pegar a primeira geração do Alemão.

E foi interessante, porque os jovens, isso já 2016, já estava muita questão do celular, coisa e tal, tinha muita discussão de como os equipamentos eletrônicos distanciavam as gerações, ao invés de aproximar, que era o que a gente pensava que a internet ia facilitar na verdade, afastou, as pessoas não conversam mais em casa, E quando a gente pede para eles fazerem esse trabalho, constrói com eles, o retorno dos jovens e dos avós, das pessoas mais velhas, foi impressionante, porque os jovens começam a ter acesso a uma memória que eles não tinham ideia que aconteceu no Complexo do Alemão. E os mais velhos começam a relatar que, depois desse trabalho, eles voltaram a conversar com os jovens.

Então, começaram a ter trocas de conversa sobre histórias e memórias do Alemão. Então, o que é tradicional nos espaços oprimidos no mundo, nem é só no Brasil, nem é só nas periferias, mas nos espaços oprimidos no mundo, é que a oralidade tem um papel fundamental para a manutenção da sua história, da sua cultura. Isso foi fundamental porque teve uma relação de geração nesse processo. E os jovens ficaram fascinados de conhecer sua própria história que eles não conheciam, sua própria família, o seu dia a dia. Então esse foi um trabalho também bem legal, bem marcante. E a gente continuou construindo.

Quando está falando que memória já ultrapassa a questão da da pesquisa, da parte de levantamento de dados, de informações, etc. A gente avança na parte de cultura e comunicação.

Então, o trabalho de audiovisual, a gente fez o trabalho em 2014, depois em 2017, depois em 2020, fizemos agora em 2024, que é o Favela Doc. que é um curso de formação em audiovisual e que todo final do curso há uma produção de documentário que junta os alunos com os profissionais que deram aula para esses alunos. Cria uma equipe e essa equipe produz o documentário.

Então a gente fez 2014, Copa para Alemão Ver, na época da Copa do Mundo no Brasil, Complexo do Alemão, Alemanha ganha, e o trocadilho para Inglês Ver, que era a exclusão da favela nos grandes eventos. A gente gosta muito de brigar com o nome, tá? Então a gente fez esse trabalho. O outro... Esse foi o primeiro documentário.

O outro, de 2017, é sobre religião de matriz africana, que começou a sumir. Na minha infância tinha muitos terreiro no complexo alemão. Agora não existe mais. E aí a gente começou a discutir, debater. Chegou nesse tema, junto com os alunos, com os profissionais, e só conseguimos lembrar de um terreiro em 2017.

Não, há terreiro aqui dentro. Como assim, só um terreiro? E aí começou um trabalho de pesquisa de levantamento. Descobrimos 18, 19 terreiros no Complexo do Alemão todo. Mas tudo muito camuflado. muitos deixaram de bater tambor, passaram a ser centros de mesa, por opressão, por repressão, por intimidação, por vários motivos. E aí deu origem ao documentário: Quando Você Chegou, Meu Santo Já Estava. Esse é o nome do documentário. Ficou lindo, um documentário bem legal. A gente não entrevistou todo mundo, mas fizemos entrevista com oito mães e pais de santos do Complexo do Alemão. Foi bem legal. E foi legal o lançamento, porque está todo mundo nos seus terreiros, cada terreiro era um gueto. E esse documentário, o lançamento dele, nós reunimos essas mães de santos, e elas não se conheciam, e eram todas do Complexo do Alemão, começou uma troca intercultural entre elas. Isso foi rico demais.

Então, cada trabalho que a gente faz tem algumas coisas que são surpreendentes. A questão intergeracional, as mães de santos se conhecendo e trocando. Então, todo esse trabalho foi sendo construído. Com certeza eu vou esquecer aqui vários outros trabalhos na área de memória que a gente fez. Mas outro que tem um nome também interessante, quando a

gente está falando de pesquisa e crítica da pesquisa, valorização da pesquisa da memória local. a partir, entendendo a memória local como uma produção de conhecimento do território, a gente começou a debater e discutir a não hierarquização do conhecimento. O conhecimento acadêmico não pode estar aqui, o conhecimento popular e de vivência está abaixo. Mas está paritário, são complementares, são importantes tanto quanto. E criar arenas em que isso pudesse dialogar seria um caminho bastante proveitoso, estratégico, seria um espaço promissor para pensar o desenvolvimento de favela. Trazer o conhecimento acadêmico junto com o conhecimento popular, com as suas vivências, e o que daria disso?

E aí a gente construiu, junto com os acadêmicos daquela rede de pesquisadores, com a galera das organizações no alemão, começamos a discutir, vamos fazer rodas de conversa, de conhecimento. Porque a discussão era: conhecimento acadêmico não chega na favela, não chega, não se apropria. Vem pesquisa, vai embora, porque não dá pra atender. Qual a estratégia que a gente faz? Então, não é só discutir a metodologia de pesquisa, mas como é que se apropria disso. E aí a gente começou a criar um fluxo, e o fluxo era, vamos discutir em praça pública, na rua, vamos apresentar trabalhos acadêmicos, dialogando, com conhecimento popular.

Dali surgiu, primeiro, o que a gente chamou, só no primeiro mês, de seminário de produção do conhecimento. E aí vem o meu amigo, eu estava até conversando com ele hoje, Calazans, Rafael Calazans. Conhece? Funkeiro. E aí, Calazans estava nesse meio todo, Calazans era do raízes, né? Participava disso tudo. Aí Calazans chegou, tá, vocês não querem criticar a academia, a universidade, valorizar conhecimento do local. Vamos fazer uma roda na favela chamada Seminário de Produção de Conhecimento? Não! Isso aqui é uma roda que a gente está trocando uma ideia, está desenrolando, né? Vamos desenrolar aqui, pô. E aí ficou, vamos desenrolar.

Isso é um trabalho que existe até hoje, que tem uma metodologia, tipo a Praça Pública, com microfone, com caixa de som, que as pessoas podem se aproximar, debatendo as temáticas que sejam mais relevantes para o território. Aí traz acadêmicos que pesquisam aquele tema, mais pessoas que têm a vivência e a luta sobre aquele tema. E aí a gente coloca ali, eles são os dinamizadores. E aí eles começam a dinamizar, e depois a roda vai girando. Os acadêmicos têm que colocar sua pesquisa acadêmica, com suas categorias, seus valores e etc. Mas de uma forma que todo mundo tem que entender. Então a gente tem que se

esforçar para se comunicar e se fazer entender. E como é que dialoga com outros conhecimentos daquele território. Então isso foi muito, muito legal.

É um trabalho que vem, desde 2013, começamos em 2013 o “Vamos desenrolar”. Então já estamos aí com já 10, 11, 12 anos. Já vai para 12 anos. E que a gente tem feito todo ano, uns mais, outros menos, a gente vem trabalhando e construindo isso, né? Então é um trabalho... Isso é bem marcante, né? Porque é onde a gente rompe com a forma tradicional da academia trazer o conhecimento acadêmico pra favela. Na verdade nem trazia, né? Só usurpava disso. Então criamos um espaço pra isso. E dali surgiu as articulações desse diálogo, de várias maneiras.

Uma outra experiência já como consequência dessa é o trabalho que a gente faz até hoje com a Faculdade de Arquitetura da UFRJ, desde 2016. A gente faz um trabalho que é o “Ateliê”. O ateliê é uma disciplina obrigatória da Faculdade de Arquitetura, mas que nós, no Raízes, construímos juntos com o professor Pabllo e agora com a professora Solange, a gente constrói a grade curricular dessa disciplina. Metade é lá na UFRJ e metade é dentro do Alemão. Então, esses jovens arquitetos, e tem a ver também com uma outra pegada política, que é assim, o quanto que essa discussão, essa crítica, o quanto que a gente pode também influenciar no processo de formação, principalmente de cursos universitários que são extremamente elitistas.

E aí começamos a fazer esse trabalho com a Faculdade de Arquitetura, que eles vinham, escutavam os moradores, faziam entrevistas com os moradores, perspectiva, prioridade para os espaços que estavam vazios ou espaços abandonados dentro da favela. E aí eles começavam a produzir propostas de intervenção urbanística daquele pedaço. E isso eles têm feito de 2016 até hoje. A última turma apresentou agora, em novembro, o último trabalho. Já fizemos umas seis turmas, cinco, seis turmas de lá pra cá. E aí, esse trabalho tem a ver com uma outra política pública que a gente sempre foi excluído. No caso, por exemplo, do PAC, favelas, cidades urbanizações. A Favela Bairro chegou aqui, mas as urbanizações pontuais e o Parque Favela, que é uma grande urbanização no Alemão.

Nesse processo, a gente, sempre quando queria influenciar coletivamente, a gente era parado pelo Poder Público, sempre sendo colocado. Ah, a favela só tem filho só.. E aí, desculpa, isso não é avaliado tecnicamente. Ah, não é avaliado tecnicamente? Então a gente precisa trabalhar tecnicamente o processo formativo, interno das organizações locais,

envolver a universidade que vai dar o respaldo técnico, mas que atenda a perspectiva do morador, ok?

Aparece a urbanização que é uma urbanização de gabinete, em que eles decidem o que vai ser pra favela lá fora, sem levar em consideração a sua cultura, sua história, seu processo de ocupação, etc. Com isso a gente vem construindo esse trabalho com a Faculdade de Arquitetura. No primeiro ano a gente teve universitários, como uma contribuição do processo formativo de olhar a favela, de ver os profissionais com uma certa sensibilidade social, de ter essa responsabilidade no processo formativo. Mas a gente fez um mundo geral e construímos a Praça Verde, que está em frente ao Raízes até hoje.

Aquela praça foi toda construída coletivamente. E aí, quando eu estou falando de troca de conhecimento acadêmico, popular, técnico, de vivência, etc., nós temos uma foto que é fantástica no processo de construção. Você tem o Roberto, que faz trabalhos de construir casa, de forma quase que artesanal, coisa e tal. E o Pablo Benete e o Roberto, tem feito isso há 30 anos.

O Pablo Benete há 30 anos dando aula na Faculdade de Arquitetura. E os dois discutindo como é que colocaram uma pilastra na praça. Ele tirou uma foto dos dois. Ali é exatamente o que estava rolando. Os alunos de arquitetura, tinha negócio de degrau, não é? Tinha uns medidores, uma borrachinha, de botar nível, não sei o que, e chegava a galera da favela que faz obra na favela, mexia a mão e ia fazendo. E aí começava a discussão. Mas aquilo foi um processo tão rico de troca de conhecimento, que assim, é isso, é isso. E aí a gente via que as coisas estavam acontecendo, sabe? É o resultado disso que é o interessante. Nem a academia que vai editar como deve ser tudo, como deve ser bem. E nem é a favela com as suas fragilidades técnicas também. Mas é juntar esses conhecimentos para construir algo estrutural, mas que atenda as especificidades características, a história, a memória do Alemão, da favela que a gente fomentou. E assim que foi construído esse processo, essa praça, toda essa metodologia de troca, de conhecimento, como é que foi todo o processo dela, publicamos o livro: "Praça para Alemão Ver". Esse é um livro que também atrai... Essa é uma preocupação de toda publicação. A publicação não pode sair sem a metodologia daquele trabalho. Porque a ideia também é que as metodologias que a gente vai experimentando, e os que vão com a publicação, possam ser apropriadas por outros com características análogas, sabe? Então, esse livro também foi bastante importante nesse

cenário. E a gente continuou fazendo outros trabalhos até hoje. Vou pular alguns, senão vou ficar aqui falando um monte de coisa.

A gente fez várias coisas, mas uma que a gente fez e está fazendo ainda hoje, o Favela Docs, que eu falei no segundo documentário, em 2021 a gente começou a fazer um sobre história e identidade do Alemão. Mas não soltamos o documentário, porque é um tema muito pilar para falar de história e memória do Alemão. Então não dá para soltar com qualquer documentário. É o documentário que eles querem fazer. Então ele vai sair agora, em junho. A gente já está trabalhando nele mais um ano. Ele vai sair em junho. E em junho sai também o livro História e Memória do Complexo Alemão. Vamos lançar o livro e o documentário de formas diferentes, com linguagens diferentes, para falar sobre a mesma questão, que é a história, a identidade e a memória do alemão.

Esse trabalho do livro, ele começa na pandemia, em 2021, quando a gente desenvolve um xcurso online de história e memória do alemão, com 15 contos. Mas, mais uma vez, ele teve a mesma metodologia do “Vamos Desenrolar”, que trouxemos pro curso.

Então, eram 15 temas diferentes, saúde, educação, saneamento, mulheres, LGBTI, todos, vários temas, e esses temas foram, cada aula era dada por uma ou duas pessoas do território que trabalha esse tema, que desenvolve esse tema, que produz esse tema, com pesquisadores dessa área. Então, assim foi feito, 15 encontros, foi tudo gravado, transcrito, na íntegra, E é esse material que está sendo produzido, estamos produzindo o livro História e Memória do Alemão, que a gente quer colocar na rede pública local, para que a História e Memória do Alemão entre na grade curricular do ensino fundamental e médio da localidade.

Então isso está sendo construído também, e a História e Memória do Alemão. A gente fez o curso em 2021 online, e fizemos agora, em 2024, a segunda versão, que foi presencial, algumas aulas públicas.... outras aulas online e presencial também.

Então, várias ações que vão ocorrendo vão sendo filmes de filme. Na parte de comunicação e cultura, fizemos a última roda do Favela Doc, que estamos trabalhando... Os jovens que participaram desse Favela Doc de 2024 e estão trabalhando no filme que vai sair ano que vem, o documentário do filme.

E a gente fez todo o programa da área de comunicação e cultura. A gente tem formação em web designer, formação em audiovisual, formação em jornalismo comunitário. E esses

jovens estão na produção de algumas ações agora. Então, são vários pontos e caminhos para pensar a memória. Eu acho que eu não falei de tudo. Então, vamos considerar que isso é uma ilustração do todo, do que a gente vem trabalhando nesses 20 anos aí, do Raízes em Movimento.